

O FUNCIONAMENTO DO HUMOR NO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO

Catiane Rocha Passos de Souza (IFBA - UFAL)¹

Email: cati-rocha@ig.com.br

Introdução

Neste trabalho refletimos sobre o funcionamento do humor no discurso religioso evangélico pentecostal a partir de análises de sequências discursivas recortadas de sermões do Programa de TV Vitória em Cristo, do Pastor Silas Malafaia, vinculado à Igreja Assembleia de Deus, maior representação nacional do movimento pentecostal. O Programa é exibido diariamente, em diversas emissoras de TV, entre as quais está o canal aberto Rede Bandeirantes de veiculação nacional. A representatividade do Programa Vitória em Cristo (doravante PVC) no meio evangélico se pauta no histórico de 30 anos ininterruptos na televisão brasileira, com transmissão para redes internacionais nos últimos dois anos.

Nesse intento, sistematizamos alguns postulados sobre o humor e o concebemos como materialidade discursiva. Nossa leitura pauta-se nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de fundamentação pecheutiana que nos aponta subsídios no gesto interpretativo das práticas discursivas. O quadro teórico dessa filiação nos interessa pelo caráter político no tratamento das questões da linguagem, atreladas ao materialismo histórico e à psicanálise, diante da possibilidade de relacionar a determinação de classe e o inconsciente na formulação de uma teoria do sujeito constituído pela ideologia. Ao tratar do humor pelo viés da discursividade, nos atentamos principalmente nas suas condições de produção.

Para compreender as práticas de silenciamento na religião, em sua atualização midiática, reconhecemos o silêncio como contenção de sentidos que se materializa em outras formas, uma delas é o riso. Por isso, discutimos sobre o riso como efeito de silenciamento que se significa como adesão ao humor no sermão do Programa Vitória em Cristo. Enfim, na atualização proposta pelo humor no discurso religioso evangélico pentecostal, verificamos como a “graça” converge ao exercício da política do silenciamento, na qual os silêncios são sagrados e mantidos.

1. Os efeitos de sentidos do humor: religião e “graça”

“O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso.” (Orlandi, 2007, p. 102)

Fazer “graça” não caracteriza o espaço religioso. Tradicionalmente espera-se rir no circo, na feira livre, nas festas. Ninguém vai à igreja com a expectativa de dar risadas. É o que se pensa até hoje, pois a reflexão é o que se espera na missa, no culto, nos rituais em geral. E para a reflexão se exerce o silêncio, a meditação, como ausência de linguagem humana para manifestação da voz divina, “a ideia de que Deus fala somente quando a criatura se cala

¹ Licenciada em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela FACE; Especialista em Língua Portuguesa pela UESB; Mestre em Linguística pela UFAL; Docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA/Salvador. Membro pesquisador do Grupo de pesquisa Linguagens e Representações (IFBA-SSA) e membro estudante do Grupo de Estudos do Discurso e Ontologia - GEDON (UFAL/FALE).

passou a ter claramente o sentido de educar para uma *ponderação* serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência individual”. (WEBER, 2004, p.135)

O silêncio como exercício de meditação que eleva a espiritualidade se instalou em toda a história da igreja cristã. O silêncio, nesse caso, é um sacrifício, um esforço do corpo para ultrapassar a matéria e penetrar na dimensão espiritual, assim, acredita-se que o ser humano preza primordialmente a fala ou qualquer som como forma de significação. Para Orlandi (2007), o silêncio não é ausência, além de ser fundador de todo sentido, ele significa.

O silêncio é necessário para a existência da religião. Segundo Orlandi (2007, p.41), é no discurso religioso que Deus representa a onipotência do silêncio, ou seja, no silêncio de Deus revela-se o dizer da religião. O silêncio de Deus, portanto, é fundador dessa prática. No entanto, não é apenas o silêncio de Deus que se faz necessário para o discurso religioso, é preciso silenciar os sentidos que se opõem à “verdade religiosa”, os sentidos que geram dúvidas e questionam a fé, por isso é autoritário e tende à monossemia.

A imposição do silêncio, naturalizado como exercício para a santidade, é concretizada nos votos aceitos na clausura e em outras situações, não se distancia da política do silenciamento que se instaura na religião. Convém citar algumas práticas dessa política, a excomunhão², a disciplina³ e outras ações que servem ao disciplinamento dos comportamentos, das atitudes e dos sentidos.

1.1. O riso: adesão ao humor no discurso religioso

O homem é um “animal que ri”, mas o riso não é uma função biológica, própria da natureza animal humana, assim como a linguagem ele é desenvolvido simultaneamente ao processo de socialização e produz efeitos de sentido. O riso é compreendido como natural e espontâneo, no entanto, não é bem assim, é um signo não-linguístico e, como tal, muito significativo. Contudo, uma tarefa muito complexa, e próxima ao impossível, é a interpretação do riso do interlocutor como gesto de aprovação, de admiração, de crítica, de zombaria, de constrangimento, não se sabe exatamente o sentido de um riso.

Esse caráter polissêmico do riso pode ser o que justifica o controle dessa manifestação nas religiões cristãs. Ao citar passagem do diário de Vingren⁴, em que o pastor relata experiências com risos na manifestação pentecostal, Alencar (2010, p.153) interroga: “Este fenômeno intrigante das ‘manifestações’ (ou crises?) de riso que Vingren comenta reiteradas vezes, aparece apenas em sua biografia e, com o tempo, desapareceram da liturgia assembleiana. Por quê?” A pergunta do autor não obteve respostas em sua pesquisa nem nas entrevistas realizadas. Conter o riso na liturgia religiosa é algo visto como necessário, mas não se publicam as razões desse silenciamento.

Para evitar o riso, se estabelece o controle daquilo que o causa, ou seja, evitou-se, na religião, o que provoca o riso. Uma das principais maneiras de provocar o riso é o humor, que inclui o texto, os gestos, a entonação da voz, e vários outros elementos.

Como o “fazer graça”, muitas vezes, é significado pejorativamente, depreciativo, inferiorizado, “palhaçada”, não se trata, no discurso religioso, como “humor” o fenômeno que

² “Pena eclesiástica que impede o fiel de participar dos sacramentos e de usufruir outros bens espirituais proporcionados pela igreja.” (XIMENES, Sérgio. Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa. 2ªed. reform. SP: Ediouro, 2000).

³ É como se denomina a “excomunhão” nas igrejas evangélicas. Esse tipo de ação pode ser temporário, varia entre um, três ou seis meses a depender da infração cometida; ou pode ser definitiva, após um processo, quando se anuncia a exclusão do rol de membros da igreja.

⁴ Missionário sueco que viveu 22 anos no Brasil, um dos fundadores da Assembleia de Deus no país.

o atualiza. Para percebermos como isso funciona, observemos os enunciados abaixo retirados da seção Entrevista publicada na Revista Fiel, maio de 2012, p.14:

Com seu jeito peculiar de falar, Pr. Silas Malafaia revela em entrevista como construiu um Ministério expressivo. O estilo franco, direto, questionador e nada legalista é uma das principais marcas de um servo de Deus que tem sido incansável em sua missão de propagar o evangelho ao Brasil e ao mundo.

As expressões “jeito peculiar de falar”, “estilo franco, direto, questionador e nada legalista” se referem ao que faz expressivo o ministério, ou seja, a pregação do Pastor Silas Malafaia. Em especial, o sentido de “nada legalista” nos chama a atenção, visto que o termo “legalista” é a adjetivação daquele que possui apego às leis e normas, assim “nada legalista” seria aquele que não respeita as leis e as normas, o que é considerado inaceitável a um homem público, modelo de crente, representante legal de uma igreja tradicional.

O efeito pretendido na utilização dessa expressão não é o que se apreende referencialmente em relação às leis judiciais ou normas sociais, pois as leis e normas que não são respeitadas ou seguidas, nesse caso, se associam ao estilo da oratória do pregador, ao jeito de falar que se distingue o tornando peculiar. Mas se distingue por quê? Distingue-se do percurso histórico que caracteriza o discurso religioso como formal, autoritário, ríspido. Ser nada legalista, nesse sentido, é pregar com um estilo diferente em relação ao que se espera em uma pregação pentecostal assembleiana.

Nada legalista é não ser convencional quanto ao modo de dizer, mas para não ser convencional numa formação discursiva que se aparenta com fronteiras rígidas exige uma demonstração de aceitação ao diferente, ainda mais em um programa de televisão. Por isso há uma importância, para o PVC, na presença do público no cenário do sermão. A imagem de aceitação ao humor se materializa nas expressões de alegria, o riso, dos presentes naquele contexto imediato.

Imagem 01: Plateia no PVC rindo (programa exibido em 01/07/11)



Os sentidos produzidos nessas imagens que focalizam a plateia rindo provocam ao telespectador dois tipos de efeitos (CHARAUDEAU, 2007, p. 110): “um efeito de realidade, quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; (...) um efeito de verdade, quando torna visível o que não era a olho nu”. A plateia rindo durante o sermão materializa a imagem de que as pessoas estão se divertindo numa igreja, isso então é possível, acontece. Sendo realidade, então, é tido verdadeiro.

Tais efeitos buscam a “credibilidade” necessária para a validade do que está sendo transmitido: humor no sermão religioso pentecostal. O verdadeiro seria o que acontece, a prova visível de uma igreja alegre, satisfeita. Mostrar as imagens significa autenticar, fazer crer que é possível ser crente e não ser infeliz, não ser oprimido. Pelas imagens incontestáveis de risos, nada nem ninguém se opõe à verdade capturada pelas câmeras.

Como um programa de auditório, no qual há o momento dos aplausos, ou programa humorístico, em que há o momento do riso do público, no sermão pentecostal há o momento da participação do público com gritos de “aleluia”, “glória a Deus”, “amém” e outras expressões típicas do culto pentecostal. Esse momento é indicado na fala do pregador com pausa, ênfase em expressões, ou mesmo com apelo à participação do público, com expressões do tipo: “Amém irmão!”, “Dê glória a Deus!”, “Aleluia, irmão!” e outras.

Não há uma exposição espontânea do riso. O riso, assim como as demais manifestações do culto pentecostal, é controlado e só pode, no PVC, servir à verdade que se deseja propagar:

Imerso nessas mensagens (e a mídia é delas uma fonte inesgotável) que repetem certas ideias, o leitor é instado a concordar com aquilo que é dito e a acatar o aparente consenso instaurado pelo riso. Essa é uma das funções do humor, pois o riso entorpece. Para haver a possibilidade da discordância é preciso levantar esse véu das evidências, conseguir localizar de onde vem aquilo que nos faz rir. (GREGOLIN, 2007, p.23)

Para o crente que se faz obediente não há possibilidade de levantar o véu e enxergar o que faz rir. Nesse sentido, o riso é uma forma de silenciamento, pois, por meio dele, impede que outros efeitos sejam produzidos e que outros discursos sejam sustentados, como nos diz Orlandi (2007).

No PVC, o momento do riso, análogo ao que acontece nos programas humorísticos, são momentos registrados pelas imagens, nas quais as pessoas aparecem rindo e batendo palmas, revelando na aparência gestos de aceitação do humor enquanto silencia outros sentidos.

2. O humor: materialidade discursiva

“ o humor e o traço poético não são o ‘domingo do pensamento’ ...”.
(PÊCHEUX, 2008, p.53)

Para refletir sobre a significação do humor no discurso religioso evangélico é preciso pensar em sua concepção, pois apesar de muito discutida na arte e nas ciências em geral, desde os filósofos até os dias atuais, ainda não é facilmente definida. Estudar o humor não é uma tarefa simples. A dificuldade se associa a sua formulação e a sua manifestação, pois não se restringe a um gênero específico nem a um modo fixo de expressão, é o que comenta Possenti (2010, p.175):

O humor, como a literatura, é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas “crônicas” e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas e pela exploração humorística de numerosos outros tipos de textos (provérbios alterados, pseudoaforismos), “comédias em pé”, programas de rádio e de televisão... Além de os gêneros humorísticos serem muito numerosos, pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto (dos tratados aos ensaios, da Bíblia aos romances).

Não destacamos nenhum gênero humorístico, mas nos detemos, em nossa abordagem, à manifestação humorística, como lembra Possenti (2010), no interior do sermão religioso do Programa Vitória em Cristo. Tratamos o humor, não apenas como texto que se mostra inteligente e logicamente construído, mas como materialidade discursiva, na qual se considera os efeitos de sentido de sua circulação e de sua emersão no discurso religioso evangélico pentecostal veiculado na televisão. Consideramos o humor, dispositivo do riso, um acontecimento que gera sentidos sobre ele, sem, entretanto, romper com essa mesma formação, ou seja, um acontecimento enunciativo.

Não há um consenso para a definição do que seria esse fenômeno intrigante da linguagem, o humor. Mesmo assim, nos pautamos nas abordagens mais pertinentes conforme nosso interesse teórico. Não pensamos o humor na perspectiva apontada por Raskin (1985), em sua teoria semântica do humor, na qual o humor é a súbita percepção de incongruência e/ou redundância. Embora o teórico tenha lembrado-se que existem elementos além dos gatilhos semânticos necessários para sua deflagração, não os consideramos em sua abordagem.

Consideramos o humor por alguns postulados de Freud que o percebe como aquele que tem algo de liberador, pois libera pela linguagem sentidos silenciados, mas não o compreende como “libertador” que alivia opressões. Entretanto, não nos aprofundamos nos estudos freudianos, visto que os mesmos centralizam-se mais na questão do prazer que o humor provoca e não precisamente nas condições de produção do humor.

Liberador enquanto aquele que “libera” a “dor”, conforme aponta Magalhães (2010, p.38) o humor é a “dor que não fere”. É uma dor na medida em que libera sentidos que socialmente são silenciados, mas não rompe totalmente, respeitando os limites impostos, por isso não provoca a úlcera, não fere.

É dor porque quebra o silêncio, deixa escapar o inconsciente. No caso do humor, o silêncio é duplamente fundamental, pois além de ser por ele que se concebe o humor, é nele que se formam as múltiplas possibilidades de sentido, “quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam”. (ORLANDI, 2007, p.47). O silêncio rompido pelo humor não é libertário porque serve também ao silenciamento, diz algo para “fazer calar” outros sentidos, em geral o riso após o humor é a expressão mais simbólica desse silenciamento. Ri para não falar, ri para calar aquilo que provocaria a ferida, senti-se a dor, mas não produz a úlcera.

Para tratar do humor pelo viés da discursividade, ou seja, enquanto materialidade discursiva, nos atentaremos principalmente nas condições de produção deste. Para tal tarefa é preciso observar os efeitos de sentido desse humor, ou seja, o silenciamento, por isso ainda nos voltamos a Freud (1969), em seu livro sobre o chiste, no qual há uma classificação em três grandes grupos de chistes.

Possenti (2010, p.146) trata dessa divisão efetuada por Freud ressaltando que o critério de classificação é a capacidade de provocar prazer e descreve o primeiro grupo como o que se baseia no jogo de palavras, o segundo se baseia na rememoração de algo familiar, e o terceiro grupo se baseia nos raciocínios falhos, nos deslocamentos, nos absurdos.

Em toda tese freudiana é notório que a produção do humor não se resume aos recursos enunciativos, aos jogos linguísticos ou à técnica. No primeiro grupo de chistes, há de

se observar que o jogo de palavra se efetiva pelo efeito de sentidos provocados pela substituição de uma palavra por outra ou pelo sentido produzido pelo som, o que envolve aspectos não apenas linguísticos, mas parte desses. Nos grupos dois e três há uma necessidade imediata de recorrer a aspectos como a memória, sobre isso se refere Possenti (2010, p.148) ao comentar o quanto uma explicação ou esclarecimento interfere na produção do sentido: “o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória”.

Reconhecendo esses critérios na produção dos efeitos de sentido do humor, postulamos pelo viés da teoria do discurso uma concepção de humor como efeito de sentido, produzido sob determinadas condições, que envolvem além das formações imaginárias o rompimento com uma regularidade de sentidos prevista para determinado enunciado. No entanto, o rompimento não acontece no nível do discurso, pois o efeito produzido, apesar de incompatível ao esperado, é acomodado no interior mesmo da formação discursiva: “A incompatibilidade dos elementos que poderiam levar à incongruência o texto, é, pois, reorganizada semanticamente pelo destinatário, dentro do discurso como um todo” (VOESE, 2009, p.86).

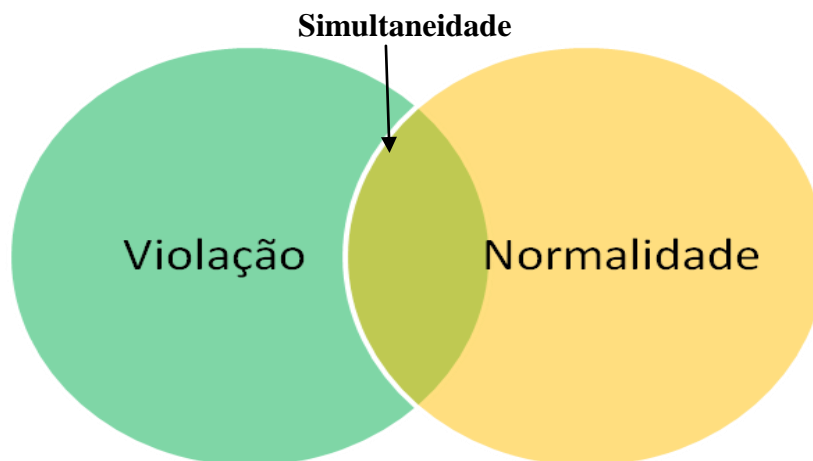
Os efeitos provocados pelo humor se reorganizam no interior do discurso, traz à tona um sentido silenciado, mas simultaneamente provoca o silenciamento, como um exercício para manutenção daquilo que é aceito socialmente, pois os sentidos que emergem pelo humor são os que veiculam nas demais formações discursivas que compõem o complexo interdiscursivo. O humor acontece, porque os elementos metaforizados de outra formação discursiva foram deslocados.

A quebra de uma expectativa que normalmente se cumpriria pela regularidade histórico-social prevista numa formação discursiva é o funcionamento do humor. Na teoria de Thomas Veatch (1998) esse rompimento é tratado como violação de uma normalidade.

Para Veatch, o humor é um processo no qual há aquilo que se assume como regularidade, há aquilo que se percebe como violação à normalidade e há a simultaneidade. O rompimento ou violação não apaga ou sobrepõe-se à normalidade, ou seja, apesar da violação, o discurso humorístico não promove um acontecimento discursivo, porque não provoca um sentido novo, mas um sentido oposto, contrário ao esperado.

A produção do humor, pela teoria de Veatch, é representada pela figura abaixo reproduzida por Magalhães (2010, p.35):

A produção do humor (VEATCH, 1998)



1.	NORMALIDADE	O ouvinte tem uma visão da situação como sendo normal.
2.	VIOLAÇÃO	Um princípio moral subjetivo é violado.
3.	SIMULTANEIDADE	Normalidade e violação ocorrem ao mesmo tempo.

Não há no humor o rompimento com uma formação discursiva para formulação de novos sentidos, pois os efeitos produzidos já existem no seu interior, só estão silenciados, a formação discursiva (FD), portanto, mantém-se na normalidade mesmo numa situação em que há violação. A violação acontece sem comprometer a FD em que se identifica o sujeito do discurso, por isso Magalhães (2010, p.35) trata o humor como a dor que não fere: “uma violação às regras morais, éticas, sociais, religiosas etc. ocorre, mas, as coisas estão bem ou normais, nunca más”.

Os efeitos de sentidos do humor no discurso religioso evangélico pentecostal é um acontecimento enunciativo na medida em que traz para o seu interior os sentidos contrários ao que ela considera como “princípios”. Não há uma produção de sentidos novos, mas um deslocamento dos sentidos contrários aos valores basilares do cristianismo, pois prega amor ao próximo, mas utiliza estereótipos preconceituosos para provocar o riso; da mesma forma, quando se propaga uma crença pentecostal e faz-se ironia sobre as manifestações típicas dessa crença.

O que conduz ao riso, como cita Voese (2009: 85), “não é um traço comum no conjunto dos discursos que circulam na sociedade, fato que deve, pois, apontar na direção oposta ao convencional”. A violação pelo humor não rompe com o discurso religioso, mas traz para o seu interior o discurso outro, o discurso oposto ao convencional da religião, nesse caso, o discurso “mundano”.

Esse fenômeno se realiza pelo fato da FD possuir fronteiras porosas permitindo o contato com saberes de outras formações discursivas, mesmo como forma de identificação do seu saber, quer dizer, pelo contraste ou paralelo com outros saberes é que se pode definir o que pertence ou não a determinada formação discursiva. Esse exercício ocorre dentro da própria FD, como podemos conferir na produção do discurso humorístico, cuja formulação requer uma contraposição entre os saberes da formação discursiva e os saberes considerados contrários para produzir uma violação.

2.1. O Funcionamento do Humor na Formação Discursiva Evangélica Pentecostal (FDEP)

Vejamos o funcionamento do humor em algumas sequências recortadas dos sermões exibidos no PVC que trazem como temática o discurso sobre as relações de gênero, sobretudo sobre a imagem da mulher. Começamos com a sequência discursiva (SD) do sermão exibido no dia 26/07/11:

SD1:

Sabe que o cara é um maluco, é um doido destrambelhado, nada faz certo, leva a vida numa valsa: “Vida leva eu, oiéaê...” (Risos)

É o gospel! Zeca Pagodinho Gospel (Risos)

É aleluia! Espírito Santo leva eeeeeuuuu. É o gospel!

Aleluia! Leva pra onde Tu quiser! (risos)

Nessa sequência, o humor se formula no discurso sobre o casamento, sobre a escolha do cônjuge a partir dos sentidos sobre esse ritual naturalizado em nossa cultura. Para isso, usa-se uma metáfora como ilustração da tese apresentada pelo pregador, segundo a qual a mulher escolhe o parceiro por sua capacidade de utilização da linguagem, ou seja, os homens que falam bem ou se expressam melhor são os mais procurados. Entretanto, a mulher deixaria

de observar outros atributos necessários para que um casamento tenha sucesso, sendo esses exigidos no convívio matrimonial.

Nessa figuração, simulada pelo sermão, é que a mulher se daria conta que se casou com “um Zeca Pagodinho gospel”. A alusão ao cantor Zeca Pagodinho se constrói pela paráfrase⁵ a uma das suas músicas mais populares do sambista, cujo refrão é “Deixa a vida me levar, vida leva eu”, ou seja, seria um homem que não se preocupa com as responsabilidades da vida, que não projeta o futuro ou não assume compromissos.

O humor se constitui nesse recorte fazendo alusão à imagem preconceituosa de mulher, ao discurso sobre a mulher “burra” em vários aspectos, não restringe ao intelectual, em especial trata a que não possui competência para escolha do companheiro. Esse estereótipo, muito comum no humor típico de piadas e outros gêneros, é o mesmo discurso que se materializa em outra sequência no sermão do dia 02/08/11:

SD2:

Mulher! Pode ser eloquente [gestos com os braços]

Eu tô dando a dica, irmã!

Pode ser eloquente, pode ser o que for, falar bem.

Mulher ocupa uma lábia, uma argumentação, mas anda igual a uma bruxa, só falta a vassoura pá voar! (risos do público).

Pode ter a língua que você quiser pra falar, o homem não tá nem aí!

Nessa sequência, a mulher é mostrada como desorientada, aquela que precisa de orientação, precisamente masculina: *Eu tô dando a dica, irmã!* O que se mostra é que a mulher não é suficientemente inteligente, e mesmo aparentando inteligência, essa não teria muito valor no universo masculino, onde, segundo o pastor, o que mais importa é a aparência, como marca em: *Pode ser eloquente, pode ser o que for, falar bem (...) mas anda igual a uma bruxa, só falta a vassoura pá voar!(...) o homem não tá nem aí!*

Na história da religião cristã a mulher foi sempre considerada inferior ao homem, tida como responsável pelo pecado original, motivo de ridículo no humor. Com o movimento de emancipação feminina, tanto financeira quanto em outros setores, o quadro não mudou muito, mas as temáticas migraram de questões sobre infidelidade, prostituição, e demais que envolviam a moral, para questões que dizem respeito a não inteligência, não competência, uma das possíveis explicações a essa repaginação deve-se às conquistas da mulher no meio profissional e social.

Seguindo a posição de que a aparência deve ser mais importante, a figura da loira é evocada, trazendo à tona toda a questão do preconceito racial em nossa sociedade, pois a loira representa a etnia branca que historicamente mantém *status* social. Por essa razão há, nos espaços da moda e nos salões de beleza, o discurso de branqueamento, ou seja, incentivo as morenas a tornarem-se loiras, o que tornaria, no imaginário coletivo, uma mulher mais bonita, sedutora. Nessa configuração reaparece o discurso humorístico da “loira burra”, que especificamente não se refere à loira “legítima”, característica genética, mas a toda mulher dessa sociedade preconceituosa.

Recorreremos à continuidade da materialidade linguística para alcançarmos as marcas discursivas:

SD3:

Aí vem uma outra, com todo respeito, não é preconceito.

⁵ “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está ao lado da estabilização.” (ORLANDI, 2005, p. 36)

Eu tô falando aí a brincadeira, a loira burra, como dizem alguns. Não tem nada a ver ser loira com ser burra, né? Aí nego diz é loira burra, nessas músicas ridículas que tem por aí.

Como se uma pessoa sendo loira ou morena vai ser burra, né verdade?

Aí os caras disse assim: [simula outra voz]

_ Essa mina aí é burra pra caramba, aê! Cada sete palavras, cinco é errada! Cada sete!

Mas, ela chega bonitinha, cheirosinha. O cara diz:

_ Meu Deus! (risos do público)

_ Isso é um avião! (Risos)

Ô, ele ouve pelos olhos! É um negócio interessante, isso.

Nessa sequência reconhecemos os estereótipos a respeito da imagem da mulher como burra ou feia, que se constitui pela memória de mulher como a que deve necessariamente agradar o homem, e não importa se intelectual, inteligente, deve ter uma aparência que atraia o sexo oposto. Esses estereótipos são mantidos na sociedade, principalmente pelos discursos religiosos, nos quais a mulher é tomada como submissa e dependente emocionalmente, fisicamente e socialmente.

A dependência emocional e a social da mulher são temas mais explorados na modernidade, visto que não se pode mais acentuar a dependência financeira, por conta da emancipação profissional feminina, apesar de sabermos que esta ainda existe, em atenção ao meio evangélico, pois a formação ideológica evangélica reforça a imagem de mulher como a responsável pelo lar, pelo casamento e pela educação dos filhos e a imagem do homem como líder e mantenedor, protótipo da família cristã.

Nas igrejas evangélicas mais tradicionais, como as pentecostais, esse discurso é sustentado pela ênfase em releituras de textos bíblicos como o de Provérbios, capítulo 14, versículo 1 que diz: “Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos”. Assim, isenta os homens das atividades da casa e de tudo que a envolve, responsabilizando a mulher pelo sucesso e/ou pelo fracasso quanto a essas tarefas.

Na sociedade atual, após ações legais e atos sociais com aparente objetivo de reparação às atrocidades cometidas no seu percurso histórico, principalmente contra os negros⁶, mas também às mulheres⁷, o preconceito revelado passou a ser criminalizado e gera punição ou mesmo desconforto para quem o expuser, o que faz com que, na sequência analisada, seja negado (...) *não é preconceito* (...), ou mesmo velado no uso de expressões que suavizam o sentido, eufemismos: (...) *com todo respeito*(...) *tô falando aí a brincadeira, a loira burra, como dizem alguns*. Mas se revela quando usa o termo *nego*, variação de negro, ao se referir aos que produzem músicas ridículas sobre loira burra, ou seja, um sentido depreciativo sobre o negro.

A negação do discurso preconceituoso também se manifesta com a ênfase na delegação da autoria a outros, ou seja, o enunciador afirma não se tratar de um texto seu, de produção pessoal. O que é observado pelas seguintes expressões: *como dizem alguns, aí nego diz, nessas músicas ridículas que tem por aí, aí os caras disse, o cara diz*.

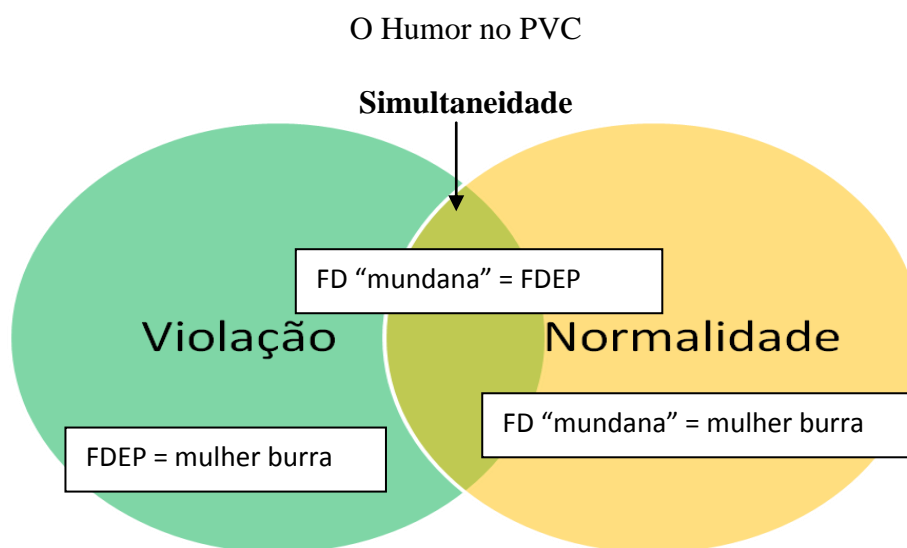
⁶A Lei nº 7.716, de 5/1/89 comprova a existência de práticas discriminatórias no Brasil e define os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor.

⁷A Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal.

A censura social aos discursos declarados preconceituosos, faz o locutor se pautar na não-autoria para não se responsabilizar pelos sentidos, “há formas sociais que mostram a relação do sujeito com as palavras e que regulam o princípio da autoria (o que supõe um sujeito visível e responsável pelos sentidos que produz num estado dado de uma sociedade).” (ORLANDI, 2007, p.134).

Na ideologia cristã-machista preconceituosa cabe à mulher preocupar-se mais com a imagem, com o visual, e ao homem cabe ser mais dotado de habilidades com a linguagem, pois atrairiam o interesse do sexo oposto. Nesse sentido se reproduz toda a formação ideológica historicamente posta sobre as relações de gênero, o que também ocorre em piadas em geral, como aponta Possenti (2010, p.82): “Assim, as piadas sexistas, como, aliás, ocorre com as que se referem a outros domínios, não se caracterizam por veicular discursos novos, mas por explorar de forma específica discursos correntes – no caso, alguns estereótipos e fantasias”.

Usando o diagrama de Veath, ilustramos o funcionamento do humor sobre as relações de gênero, na FDEP, veiculada no PVC:



1.	NORMALIDADE	FD “mundana”	Preconceito contra a mulher
2.	VIOLAÇÃO	FDEP	Reprodução do preconceito contra a mulher
3.	SIMULTANEIDADE	FDEP = FD “mundana”	Preconceito contra a mulher = reprodução do preconceito contra a mulher

A violação que produz o humor, nas sequências, é a reprodução na FDEP dos sentidos da FD “mundana”. Nega-se o mundo, porque “jaz no pecado”⁸, mas reproduz-se o preconceito ao inferiorizar a imagem da mulher. O discurso religioso evangélico pentecostal posiciona-se radicalmente ao negar o “mundo” como forma de construção de identidade. O

⁸ “O mundo jaz no pecado” ou “O mundo jaz no maligno” são expressões usadas no meio evangélico cuja significação refere-se à falta de solução para as mazelas do mundo, à perdição do mundo em contraposição à salvação.

apelo proselitista reforça que é preciso “nascer de novo”, negar o mundo e ser uma nova criatura.

O funcionamento da negação se realiza pelo sim pressuposto no ouvinte, esse mecanismo é uma marca do discurso religioso, denominada por Orlandi (2009, p.257), de “denegação: Então, a retórica do discurso religioso é a que se pode denominar retórica da denegação, ou seja, a negação da negação (...). Assim, o discurso religioso, para afirmar o que é positivo, deve negar o negativo, ou seja, deve negar o sim pressuposto, do homem, ao pecado (que é negação).”

A denegação, que é a negação ao pecado, ao “mundano”, no humor não se processa, pois há uma equalização entre a FDEP e a oposta. Por isso é uma dor, mas não fere, os sentidos não rompem, mas associam as formações discursivas contrárias, no interior mesmo do discurso.

Considerações finais

A mídia sobrevive do espetáculo, do *marketing*, do entretenimento. O Programa Vitória em Cristo (PVC), mesmo representando uma igreja radicalmente tradicionalista, a Assembleia de Deus, se atualiza segundo exige sua manutenção. Para isso flexiona o dizer que aparentemente se suaviza na forma de brincadeiras e jogos de linguagem que provocam o riso/a graça. As condições de produção do discurso religioso no PVC sustentam a emersão do humor, pois as relações imaginárias dos sujeitos permitem o “engraçado” na adoração, ou seja, se o pastor – representante legítimo – porta voz de Deus – faz graça, provoca o riso e ri também, por que então o servo, submisso e obediente não poderia rir com ele?

A nosso ver, o humor nos sermões do PVC acontece, portanto, como fruto do processo de midiaticização da religião evangélica pentecostal reproduzindo os sentidos da religião e da mídia, sem, entretanto, provocar sentidos novos. O pastor e os crentes continuam no mesmo lugar legitimado pela religião mesmo quando fazem a graça, mesmo quando riem. O que provoca a graça, ou seja, o riso, não rompe com os princípios da religião, nem com os valores sociais propagados na televisão, mas os reproduzem e os unificam na mesma formação discursiva evangélico-pentecostal (FDEP).

Compreendemos, então, que a FDEP do humor no Programa Vitória em Cristo nessa formulação parece provocar estranhamento, na medida em que associa o dizer da religião com o dizer da mídia que é o dizer do “mundo”, e se é mundano é contra Deus, desaprova a Deus, tanto que até a década de 90 a televisão foi endemoniada pela igreja que a interpretava como mensageira do diabo. No entanto, as imagens do riso do público produzem efeito de realidade e de verdade. Tais sentidos associam-se ao sentido de adesão que silenciam o percurso histórico de não aceitação do humor na FDEP e da “endemonização” da televisão pelos assembleianos.

Com a análise das sequências discursivas sistematizamos o funcionamento do humor na FDEP, na qual há uma associação entre os dizeres da religião e aquilo que é negado nos princípios cristãos. O humor revela o deslize, ou seja, o equívoco na FDEP, pois nele se anula a “denegação”, característica fundamental do discurso religioso. A denegação é a negação de tudo que nega a Deus ou a Cristo, nesse caso, o pecado, as práticas “mundanas”. O humor na FDEP não nega, mas reproduz o dizer “mundano”.

Referências

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

- BÍBLIA SAGRADA. Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil. SP: CPAD, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, v.8. 1969.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Dossiê: Comunicação, Mídia e Consumo**. Vol. 4, N. 11. São Paulo: novembro, 2007. p. 11-25.
- MAGALHÃES, Helena M. G. **Aprendendo com humor**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2009.
- _____. **Análise de Discurso – Princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RASKIN, VICTOR. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Company: 1985
- REVISTA FIEL. Ano 08. Nº 84. Rio de Janeiro: Ediouro Gráfica e Editora. Maio de 2012.
- VEATCH, Thomas C. **A Theory of Humor**. Disponível em: <http://www.tomveatch.com/else/humor/paper>. Acesso em 05/10/11.
- VOESE, Ingo. O discurso humorístico: um estudo introdutório. In: **Leitura: revista do PPGLL: número temático: PPGLL, 20 anos/UFAL, PPGLL – FALE**. N. 43/44 (Jan./jun.2009). Maceió: EDUFAL, 2009.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José M. Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo: Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua portuguesa**. 2 ed. reform. SP: Ediouro, 2000.